

“Conheço as suas obras. Eis que coloquei diante de você uma porta aberta que ninguém pode fechar. Sei que você tem pouca força, mas guardou a minha palavra e não negou o meu nome.” Ap 3.8

1. Introdução

O Apocalipse é um livro de Revelação. A palavra grega “*apokalipsis*” significa “*descobrir*”, “*revelar*”, “*comunicar claramente*”, “*tirar o véu*”. Esse propósito está expresso logo no primeiro versículo: “*Revelação de Jesus Cristo*”. Revelação é algo que se dá pela vontade de quem se revela. Não fosse a vontade de Deus, não poderíamos conhecê-lo, nem fazendo pesquisas, nem intuindo, nem deduzindo... Foi desejo de Deus revelar Jesus Cristo a nós.

Esse fio condutor principal de Apocalipse precisa ser sempre ressaltado: o livro **não objetiva revelar acontecimentos, mas uma pessoa: Jesus Cristo**. Não podemos divorciar a profecia da pessoa de Jesus. E é a partir desse fio condutor que nós também vamos acessar cada uma das cartas que Ele dirigiu às 7 igrejas.

2. Carta à igreja em Sardes

a) Revelação de Cristo, o Deus que vivifica.

Apocalipse 3.1: “*Ao anjo da igreja em Sardes escreva: Estas são as palavras daquele que tem os sete espíritos de Deus e as sete*

estrelas. Conheço as suas obras; você tem fama de estar vivo, mas está morto””.

À Igreja em Sardes, Jesus se apresenta como aquele que tem os sete espíritos e as sete estrelas. Os “sete espíritos” indicam a plenitude do Espírito Santo. Ao afirmar que tem os sete espíritos, Jesus indica que age na plenitude do Espírito, que é o sopro de Deus para vivificar as igrejas que estão em declínio. O Cristo revelado à Igreja em Sardes é pleno do poder do Espírito Santo, que sopra nova vida sobre a igreja mortificada.

Essa apresentação é totalmente apropriada para a referida igreja. Sardes era uma cidade que ficava ao sul de Tiatira e havia funcionado como importante centro comercial. Situada numa faixa alta e estreita, tinha uma enorme fortaleza que era, em termos militares, invencível. Essa localização geográfica fazia com que a cidade só pudesse ser alcançada do lado sul dessa faixa estreita e elevada, que terminava na acrópole sobre a qual a fortaleza estava edificada. Precipícios íngremes protegiam a cidade, de modo que não podia ser escalada. Por causa de suas fortes defesas, Sardes veio a ser a capital da Lídia, porém sua localização impedia a expansão e a forçava a permanecer pequena. Era completamente dependente do fértil vale abaixo

¹Pastora auxiliar na Igreja Batista em Goiabeiras - Vitória/ES.
Bacharela em Serviço Social pela UFES. Bacharela em Teologia pela

Faculdade Unida. Pós Graduação Lato Sensu em "Intervenção Sistêmica com Famílias". Terapeuta familiar e de casal.



para todas as necessidades da vida, sendo que todo o suprimento tinha de ser levado para a cidade. Aquilo que fortalecia Sardes – sua posição geográfica privilegiada – veio a ser a causa de sua ruína por cinco vezes, quando foi conquistada, algumas vezes por falta de vigilância.

A cidade tão segura acabou mortificada, algumas vezes. A igreja, também. À semelhança da cidade, a igreja mantinha uma fama de tempos gloriosos, mas a verdade é que estava morta. A apresentação de Jesus demonstra que Sardes precisava reviver e Cristo é apresentado como o Deus que pode promover vida nova.

Podemos nos lembrar da profecia de Ezequiel, no vale dos ossos secos. É o sopro do Espírito que vivifica os ossos secos e faz deles um grande exército. É o Cristo, pleno do Espírito Santo, o Senhor das igrejas (as sete estrelas são os líderes das igrejas, como já visto em Ap. 1.20), quem pode fazer reviver aqueles que estão mortos.

Em sua caminhada de fé, você já se percebeu precisando de ressurreição? Sua comunidade já passou por momentos onde parecia um grande vale de ossos secos? Será que a nossa vida com Deus hoje é vívida e real, ou estamos nos movendo tão somente na lembrança ou na fama de tempos passados, onde realmente nossa fé era pujante? É preciso refletir.

O Cristo que se apresenta à Igreja em Sardes é o Deus que vivifica os que estão mortos. Ele está pleno do Espírito que sopra sobre nós e nos faz reviver.

b) Revelação de Cristo, o Deus que confronta.

Apocalipse 3.2 e 3: *“Esteja atento! Fortaleça o que resta e que estava para morrer, pois não achei suas obras perfeitas aos olhos do meu Deus. Lembre-se, portanto, do que você recebeu e ouviu; obedeça e arrependa-*

se. Mas se você não estiver atento, virei como um ladrão e você não saberá a que hora virei contra você.

O confronto de Jesus à igreja em Sardes traz uma primeira ordem: ser vigilante. Ouvindo-a, os habitantes de Sardes imediatamente se lembrariam da história da cidade. Descansada em sua privilegiada posição, que muitos tinham como impossível de ser atingida, Sardes foi conquistada por 5 vezes, por falta de vigilância. A igreja parecia seguir a mesma cultura. Apoiada na segurança dos dias de vida plena no Espírito (a “fama” que tinham deveria se apoiar em um tempo de florescimento espiritual), descuidara da vigilância. Deixaram de observar que a fé é como uma flor: embeleza a vida, é prenúncio de muitos frutos, mas precisa ser regada constantemente porque é frágil.

Jesus os confronta porque ainda há algo de bom tentando resistir na comunidade, mas, caso a vigilância não fosse restabelecida, e os pilares fortalecidos, o pouco que restava também poderia morrer.

Caminhar com Cristo em santidade e fidelidade requer de nós muita vigilância. Não podemos descuidar. A expressão “virei como um ladrão” relembra a parábola do ladrão, em Mateus 24. 43 e 44 e reforça a ideia de um juízo iminente. Ou seja, a igreja precisava acordar, caso contrário um juízo divino se instalaria sobre a congregação mortificada, por não obedecerem à voz do Senhor.

c) Revelação de Cristo, o Deus que discipula.

Apocalipse 2.4: *“No entanto, você tem aí em Sardes uns poucos que não contaminaram as suas vestes. Eles andarão comigo, vestidos de branco, pois são dignos. O vencedor será igualmente vestido de branco. Jamais apagarei o seu nome do livro*



*da vida, mas o reconhecerei
diante do meu Pai e dos seus
anjos”.*

Jesus nota que umas poucas pessoas em Sardes não tinham contaminado suas roupas (v. 4). Essa expressão significa que esses poucos se conservaram puros das influências externas e que não se adaptaram às práticas religiosas daqueles dias. Parece que o evangelho que os cristãos locais proclamavam e aplicavam em suas vidas não havia tido a força necessária para se opor às práticas das religiões pagãs.

Mas, Jesus se apresenta à igreja como aquele que colocará os irmãos que realmente desejavam viver a pureza do evangelho para caminhar junto com ele. O discipulado do Cristo é um convite a caminhar com Ele, a aprender d’Ele, a viver ao Seu lado, sob Seu governo e Senhorio. Quem realmente deseja manter puras as suas vestes (a sua vida), caminha ao lado de Jesus e submete todo o seu ser a Cristo. Os servos fieis são conhecidos por Deus, afinal, são mais do que membros de uma religião. São membros da família de Deus.

3. Carta à Igreja em Filadélfia

a) Revelação de Cristo, o Rei dos reis e Senhor dos Senhores.

Apocalipse 3.7: *“Ao anjo da igreja em Filadélfia escreva: Estas são as palavras daquele que é santo e verdadeiro, que tem a chave de Davi. O que ele abre ninguém pode fechar, e o que ele fecha ninguém pode abrir.*

Jesus se apresenta à Igreja em Filadélfia como o único que detém autoridade absoluta, aqui simbolizada pela expressão *“chave de Davi”*. Ele é o soberano absoluto no céu e na terra (Mateus 28.18), pois o que ele abre

ninguém é capaz de fechar, e o que ele fecha ninguém é capaz de abrir. Sua palavra e ato são finais.

O ato de abrir e fechar portas deve ser interpretado com base em dois contextos. Em primeiro lugar, na insegurança da cidade de Filadélfia. Ela estava localizada estrategicamente junto a uma rodovia bem trafegada que ligava o oriente (Ásia) com o ocidente (Europa) e, por isso, era uma cidade com uma porta aberta através da qual a indústria, o comércio, o idioma e a cultura grega se difundiram da Grécia e Macedônia para a Ásia Menor e Síria. Além disso, como estava localizada numa área vulcânica, a cidade era frequentemente abalada por terremotos, o que levava boa parte da população a preferir viver fora dos muros da cidade, frequentemente danificados pelos abalos sísmicos. Em segundo lugar, é preciso pensar no contexto dos judeus em Filadélfia (v. 9). Os judeus radicados na cidade opunham-se veementemente à admissão dos gentios (não judeus) na comunidade de fé. Jesus se mostra como aquele que abre portas que ninguém pode fechar, indicando que Ele é o dono da igreja, e que as portas abertas aos gentios na comunhão da Igreja cristã não seriam fechadas por quem quer que fosse.

O Cristo revelado à Igreja em Filadélfia passa a segurança de ser Rei e Senhor. Como afirma o hino 202 do HCC: *“Ele é o dono da chuva, do sol e do ar; É o Senhor da alegria, da dor, do chorar; Ele é o dono dos montes, do céu e do mar; É o Senhor das crianças, das preces, dos hinos; Ele é o meu e também teu Senhor”*. Nada foge ao reinado do Cristo.

b) Revelação de Cristo, o Deus que inclui!

Apocalipse 3.8-9: *“Conheço as suas obras. Eis que coloquei diante de você uma porta aberta que ninguém pode fechar. Sei que você tem pouca força,*



mas guardou a minha palavra e não negou o meu nome. Vejam o que farei com aqueles que são sinagoga de Satanás e que se dizem judeus e não são, mas são mentirosos. Farei que se prostrem aos seus pés e reconheçam que eu ameí você”.

Em Filadélfia estava acontecendo uma forte oposição, por parte dos judeus, ao ingresso dos gentios na comunidade de fé. Parece que não haviam entendido que Paulo e Barnabé relataram à igreja de Antioquia como Deus “abrir a porta da fé aos gentios” (Atos 14.27). Os judeus ali radicados ainda pensavam que eram povo exclusivo de Deus e não entendiam como, em Cristo, Deus abriu a porta que ninguém é capaz de fechar, para que todos os que crerem possam ter acesso à sua presença.

O Evangelho é para todo aquele que n’Ele crê. A despeito da feroz oposição movida pelos judeus (v. 9), o pequeno grupo de cristãos fiéis em Filadélfia recebeu a certeza de que Jesus havia aberto a porta aos conversos gentílicos.

Como igreja, precisamos compreender que Deus é soberano na obra da salvação. Não nos cabe julgar quem está salvo ou não. Nos cabe evangelizar. Nos cabe proclamar o reino de Deus. Precisamos ser igreja de portas abertas. Deus é quem abre e quem fecha as portas. E a porta que Deus abre é um estímulo aos cristãos para que ativamente se engajem na obra de evangelismo e missões.

Como está o nosso ardor missionário? Estamos mais preocupados em evangelizar ou em categorizar pessoas? Estamos mais preocupados em amar ou em dividir pessoas entre “salvas” e “não salvas”, “crentes” e “não crentes”, “justos” e “ímpios”? Os judeus que assim faziam foram chamados por Jesus de “sinagoga de Satanás”. Que sejamos daqueles que, como Cristo, estão abertos a incluir e amar

as pessoas. Caso contrário, seremos envergonhados. A palavra de Jesus é: “farei com que os da sinagoga de Satanás [...] se prostrem e reconheçam que eu ameí você”. A palavra dura convida à reflexão. Será que poderemos cair no mesmo erro? Será que estamos excluindo da comunhão aqueles a quem Jesus ama?

c) Revelação de Cristo, o Deus que nos guarda!

Apocalipse 3.10-12: *“Visto que você guardou a minha palavra de exortação à perseverança, eu também o guardarei da hora da prova que está para vir sobre todo o mundo, para pôr à prova os que habitam na terra. Venho em breve! Retenha o que você tem, para que ninguém tome a sua coroa. Farei do vencedor uma coluna no santuário do meu Deus, e dali ele jamais sairá. Escreverei nele o nome do meu Deus e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém, que desce do céu da parte de Deus; e também escreverei nele o meu novo nome.*

A palavra final à igreja em Filadélfia tem no verbo “guardar” seu eixo central. Os crentes daquela igreja haviam guardado as palavras de exortação à perseverança, isto é, haviam acolhido, obedecido, observado com cuidado. Guardar indica preservar em lugar seguro. Da mesma forma que os cristãos haviam preservado as orientações do Senhor, receberiam do Cristo esse mesmo cuidado na hora da provação. A mensagem nos lembra que a nossa fidelidade em preservar as palavras e orientação do Senhor é determinante da forma como enfrentaremos as



dificuldades da vida. Quem guarda a Palavra, é guardado diante das dificuldades. Quem guarda a exortação à perseverança, persevera no dia mau.

Por fim, Jesus promete fazer do crente uma coluna no templo de Deus. Provavelmente, Jesus estava se valendo de uma imagem da cultura do povo, onde uma coluna em um templo servia para honrar uma pessoa eminente, uma espécie de condecoração. Nesse sentido, a promessa é de que os santos serão honrados na presença de Deus, já que o templo é a própria presença d'Ele. Ao dizer que o vencedor jamais sairá dali, isto é, da presença de Deus, é notório o significado dessa sentença para os cidadãos de Filadélfia. Afinal, por causa dos frequentes terremotos, muitos acabavam indo embora da cidade, preferindo viver do lado de fora dos muros, em campo aberto. Tais pessoas viviam toda sua vida com medo de catástrofes naturais. A palavra de Jesus trazia para aquele povo a segurança de que os filhos de Deus habitarão permanentemente em sua presença. A sentença final com a promessa de escrever o nome de Deus, o nome da cidade e o novo nome, fortalecem essa mensagem de segurança, de que os vencedores habitarão seguros para todo o sempre.

Em nossa vida, há inúmeras circunstâncias que nos geram instabilidade e insegurança. Mas, a promessa do Senhor é de que Ele nos manterá seguros para todo o sempre. Há motivos para você ficar inseguro (a) hoje? Você poderia apresentar essas situações ao Senhor e pedir que Ele restaure a sua segurança, através de Sua promessa gloriosa de que nos guardará para sempre?

4. Carta à Igreja em Laodicéia

a) Revelação de Cristo, a Verdade.

Apocalipse 3.14: “Ao anjo da igreja em Laodiceia escreva: Estas são

as palavras do Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o soberano da criação de Deus.”

A revelação que Jesus faz de si mesmo como sendo o “Amém” tem sua origem no texto hebraico do Antigo Testamento. O “Amém” comunica a ideia daquilo que é verdadeiro, solidamente estabelecido e fidedigno. É o “sim” enfático como uma resposta afirmativa a uma oração. Precedido pelo artigo definido, o Amém veio a ser personificado no texto hebraico como “o Deus do Amém”, que poderia ser traduzido como “o Deus da verdade”. Jesus toma para si este título e o interpreta na sentença seguinte como “a testemunha fiel e verdadeira”. Significa que tudo o que Jesus fala é indubitavelmente verdadeiro, porque Ele é a própria verdade.

Em João 14.6, lemos que Cristo é o caminho, a VERDADE, e a vida. Para nós cristãos, a verdade não é um fato, uma narrativa ou uma comprovação científica. A verdade é uma pessoa: Cristo. Por isso, nós confrontamos tudo o que somos e fazemos com a Verdade que é Cristo. Ele deve ser o Amém, ou a confirmação de tudo que somos e fazemos. N'Ele nos movemos e existimos porque, fora d'Ele, não existe verdade alguma. Porque Ele é a verdade, é também o soberano da criação de Deus. Sem Cristo, tudo o que somos e fazemos é mentira.

b) Revelação de Cristo, a Fonte de Águas Vivas.

Apocalipse 3.15-16: “*Conheço as suas obras, sei que você não é frio nem quente. Melhor seria que você fosse frio ou quente! Assim, porque você é morno, nem frio nem quente, estou a ponto de vomitá-lo da minha boca”.*



O termo obras aparece também nas outras cartas e indicam a resposta ao evangelho, isto é, os frutos produzidos pelas igrejas a partir de sua experiência de fé. Em Laodiceia, a resposta dos cristãos ao evangelho se assemelhava às águas que abasteciam a cidade. A água que abastecia Laodiceia vinha de Hierápolis, de uma distância de seis milhas, por um aqueduto. As fontes de Hierápolis jorravam água quente saturada com carbonato de cálcio. Nessas circunstâncias, a água era medicinal. Mas, quando a água chegava a Laodiceia, depois de percorrer a referida distância por meio do aqueduto, já estava morna, por vezes contaminada, deixando as pessoas doentes. O carbonato de cálcio na água morna provocava náuseas e vômitos. Jesus usa essas águas como metáfora para denunciar a vida espiritual da igreja laodicense. É possível que Jesus quisesse mostrar àquela igreja que ela havia se distanciado d'Ele, a fonte de águas vivas. E essa distância estava produzindo mornidão, esfriamento espiritual.

Não há como a igreja produzir obras cheias de vida se estivermos distantes do Senhor. A imagem construída na carta à Laodiceia retoma o ensino de Jesus em João 7.38: *“Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva.”*

Quando não estamos ligados à Fonte, o que produzimos causa mal estar. Pessoas e igrejas que professam o nome de Deus, mas não vivem bem próximos à Fonte da Vida causam mais males do que benefícios. É preciso estarmos alertas.

c) Revelação de Cristo, o Deus que Revela.

Apocalipse 3.17-19: *“Você diz: Estou rico, adquiri riquezas e não preciso de nada. Não reconhece, porém, que é miserável, digno de compaixão, pobre, cego e que está nu. Dou-lhe este*

conselho: Compre de mim ouro refinado no fogo e você se tornará rico; compre roupas brancas e vista-se para cobrir a sua vergonhosa nudez; e compre colírio para unguir os seus olhos e poder enxergar. Repreendo e disciplino aqueles que eu amo. Por isso, seja diligente e arrependa-se.

A segunda repreensão de Jesus à igreja em Laodiceia, consiste na revelação da própria igreja. Jesus revela a nudez em que a igreja se encontrava. A riqueza que aqueles irmãos haviam acumulado tinha gerado extrema arrogância e presunção. É muito provável que a riqueza em questão fosse realmente material. Afinal, Jesus já havia advertido que o dinheiro funciona em nossas vidas como uma espécie de divindade, que quer ocupar no nosso coração um lugar que só Deus pode ocupar. Em Lucas, 16.13, Ele adverte: *“Nenhum servo pode servir a dois senhores; pois odiará a um e amará ao outro, ou se dedicará a um e desprezará ao outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro”*. Ao que tudo indica, as riquezas haviam tomado conta dos cristãos laodicensês e eles estavam se achando autossuficientes.

Mas, Jesus se revela a Eles para desnudar as intenções de seus corações e mostrar que, no que se refere à vida espiritual, eles estavam absolutamente pobres, cegos e nus.

Jesus aconselha os laodicensês e manifesta sua graça divina. Ele empresta a linguagem do mercado e faz alusão a uma passagem do Antigo Testamento: *“Venham, comprem vinho e leite sem dinheiro e sem custo”* (Isaías 55.1). Exortando aqueles crentes que afirmavam que não precisavam de nada, o Senhor os convida a comprar dele ouro refinado. Como pobres e nus que estavam, eles nunca poderiam comprar essa



comodidade. A palavra grega ouro se refere a produtos finamente trabalhados, como joias ou moedas, e não meramente ao próprio metal. Os cambistas de dinheiro no banco de Laodiceia manuseavam a moeda corrente diariamente; Cristo, porém, está aconselhando as pessoas a irem a ele e a comprarem. No entanto, seu conselho intencionalmente omite o dinheiro, pois a transação deve concretizar-se sem moeda corrente. Só podem obter o ouro de Jesus.

Note, pois, o tipo de ouro que Cristo põe à disposição dos laodicenses: “*ouro refinado pelo fogo.*” É o ouro que foi purificado em um grau tal que a incandescência do fogo emana dele (ver I Pedro 1.7). Essas palavras insinuam a feroz provação que os seguidores de Cristo têm que suportar. Ouro é realmente outro termo para fé, a qual é muito mais preciosa que o nobre metal. A fé deve ser de uma importância infinita para os laodicenses, pois devem compreender que Jesus está falando-lhes em termos espirituais. O que está em pauta aqui é que todas as suas impurezas serão queimadas, de modo que sua fé saia do fogo intacta e, conseqüentemente, seu amor por Cristo seja puro.

As “*roupas brancas para vestir-se, a fim de que sua nudez não se exponha*” também é uma expressão digna de nota. Os sacerdotes usavam roupas brancas; assim, as vestes mencionadas têm um aspecto escatológico dos santos que, com a cor branco, atestam santidade e pureza. Apenas Jesus remove o pecado e a culpa, pois somente Ele pode tornar-nos alvos como a neve.

Por fim, a imagem do colírio aponta para a escola de medicina de Laodiceia, que tornou-se conhecida pelas propriedades curativas da chamada pedra frigia. Essa pedra, que chegara da vizinha província da Frigia, era reduzida a pó do qual extraía-se um unguento para a cura de doenças dos olhos. Os crentes de Laodiceia moravam na cidade que era conhecida por um tratamento oftalmológico, mas eram cegos pela arrogância e incapazes de ver com os olhos espirituais. Com a metáfora do colírio para os

olhos, Jesus deseja advertir aqueles crentes a abrirem os olhos espirituais e enxergarem seus próprios pecados à luz da Palavra de Deus.

É preciso ter cautela para que a nossa soberba não nos cegue. A palavra chave para caminharmos com Deus é arrependimento. A soberba precede a queda. Que tenhamos o coração humilde e arrependido. Que, como o salmista, peçamos a Deus para sondar nossos corações, livrar-nos dos nossos caminhos maus e guiar-nos pelo caminho eterno.

d) Revelação de Cristo, o Deus que Compartilha.

Apocalipse 3.20-21: “*Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei e cearei com ele, e ele comigo. Ao vencedor darei o direito de sentar-se comigo em meu trono, assim como eu também venci e sentei-me com meu Pai em seu trono.*”

Jesus se revela aos crentes laodicenses como aquele que está do lado de fora da porta de seus corações e bate para obter entrada. Ele os chama individual e continuamente, batendo levemente nas portas de seu coração como se os proprietários estivessem dormindo. A ênfase é posta na responsabilidade de ir à porta e atender a quem está procurando acesso.

Ao afirmar que, ao abrirem a porta, entrará para ceiar com eles, Jesus relembra que deseja partilhar Sua vida conosco. Na cultura judaica, participar de uma refeição significa o desejo de partilhar a vida, de manter comunhão. Na mente oriental, a hospitalidade nas horas de refeição demonstra a confiança o respeito do anfitrião pelo hóspede.

Cristo é o Deus que compartilha conosco a sua vida e que nos estende a mesa da comunhão.



Viver com Cristo não é sobre ser parte de uma religião. É sobre desfrutar da companhia de Deus, de ser recebido por Ele, de vivenciar a reconciliação com o Pai, de retomar a alegria da harmonia perdida no Éden.

A revelação de Jesus à igreja de Laodiceia termina deixando claro que a maior riqueza que alguém pode ter é tomar assento no banquete do Cordeiro. O que passa disso, é engano e ilusão.

E para você? Qual é a maior riqueza da vida? Você já abriu a porta do seu coração para Jesus entrar? Você já está desfrutando da maravilhosa comunhão com Deus?

CONCLUSÃO

As cartas às igrejas precisam ser lidas dentro do fio condutor do Apocalipse, que é a Revelação de Jesus Cristo! Mas, ao revelar-se, Cristo também nos revela. É olhando para quem Ele é que paramos para pensar sobre quem somos e sobre quem temos sido. Afinal, Ele é a nossa referência. Como diria o Apóstolo Paulo, precisamos ser imitadores de Cristo.

Revelando-se, Jesus revela também suas igrejas. Revela suas forças e fraquezas, pecados e virtudes. Revela o que nos espera no futuro, se mantivermos a santidade.

Apocalipse descortina o Cristo diante dos nossos olhos, mas também nos descortina diante de nós mesmos. Como você se sente diante do Cristo que se revelou? E como você se sente diante do que de você se revela? Que atitudes lhe são requeridas diante dessa revelação?

Referências:

ADEYEMO, T. **Comentário Bíblico Africano**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

CARSON, D. A. et. al. **Comentário Bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

HENRY, M. **Comentário Bíblico Novo Testamento: Atos a Apocalipse**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

KISTEMAKER, S. **Apocalipse: Comentário do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

LADD, G. **Apocalipse: Introdução e Comentário**. São Paulo: Mundo Cristão, 1986.

LOPES, H. D. **Apocalipse: O Futuro Chegou**. As coisas que em breve devem acontecer. São Paulo: Hagnos, 2005.

